

DOSSIER 2

A HUMANIDADE QUE PENSAMOS SER |

Discussão de um texto de Ailton Krenak e de excertos
de um texto de Tim Ingold



**OFICINA DE ANTROPOLOGIA
para as artes e design**

Opção livre | 2024

Teresa Fradique

Ideias para adiar o fim do mundo (excertos)

Ailton Krenak
(2019)

[um liquidificador chamado humanidade]

(...) como é que, ao longo dos últimos 2 mil ou 3 mil anos, nós construímos a ideia de humanidade? Será que ela não está na base de muitas das escolhas erradas que fizemos, justificando o uso da violência?

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que **havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida**, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização **sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra**, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história. Agora, no começo do século XXI, **algumas colaborações entre pensadores com visões distintas originadas em diferentes culturas** possibilitam uma crítica dessa ideia. Somos mesmo uma humanidade? (...)

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa **gente do campo e da floresta** para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse **liquidificador chamado humanidade**. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos. (...)

["Mas é uma pedra." "Qual é o problema?"]

Li uma história de um pesquisador europeu do começo do século XX que estava nos Estados Unidos e chegou a um território dos Hopi. Ele tinha pedido que alguém daquela aldeia facilitasse o encontro dele com uma anciã que ele queria entrevistar. Quando foi encontrá-la, ela estava parada perto de uma rocha. O pesquisador ficou esperando, até que falou: "Ela não vai conversar comigo, não?". Ao que seu facilitador respondeu: **"Ela está conversando com a irmã dela". "Mas é uma pedra." E o camarada disse: "Qual é o problema?".** (...)

Por que essas narrativas não nos entusiasмам? Por que elas vão sendo **esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante**, superficial, que quer contar a **mesma história para a gente?** (...)

[esquecidos pelas bordas do planeta]

Enquanto **a humanidade está se distanciando do seu lugar**, um monte de corporações espertalhonas vai tomando conta da Terra. Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios. (...)

Enquanto isso, **a humanidade vai sendo descolada de uma maneira tão absoluta desse organismo que é a terra**. Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio **esquecidos pelas bordas do planeta**, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes – a sub-humanidade. Porque tem uma humanidade, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais bruta, rústica, orgânica, uma sub-humanidade, uma **gente que fica agarrada na terra**.

Parece que eles querem comer terra, mamar na terra, dormir deitados sobre a terra, envoltos na terra. A **organicidade dessa gente** é uma coisa que incomoda, tanto que as corporações têm criado cada vez mais mecanismos para separar esses filhotes da terra de sua mãe. "Vamos separar esse negócio aí, gente e terra, essa bagunça. É melhor colocar um trator, um extrator na terra. Gente não, gente é uma confusão. E, principalmente, gente não está treinada para dominar esse recurso natural que é a terra." Recurso natural para quem? Desenvolvimento sustentável para quê? **O que é preciso sustentar?**

A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa **abstração civilizatória**, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo. (...)

[empurrar o céu e respirar... dançar...]

Quando você sentir que o céu está ficando muito baixo, é só empurrá-lo e respirar. (...)

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir.

Excertos retirados do capítulo das páginas 10 à 28 da obra KRENAK, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.



Sobre levar os outros a sério

Tim Ingold

(2019)

[antropologia: engajamento da imaginação e da experiência]

O tipo de **antropologia que eu defendo** aqui tem um propósito diferente. Não se trata de interpretar ou explicar o comportamento dos outros; não se trata de colocá-los em seu lugar ou consigná-los à categoria dos "já conhecidos". Ao contrário, trata-se de **compartilhar da sua presença**, de aprender com as suas experiências de vida e de **aplicar esse conhecimento às nossas próprias concepções** de como a vida humana poderia ser, das suas condições e **possibilidades futuras. A antropologia, em minha opinião, prospera nesse engajamento da imaginação e da experiência.** O que ela oferece não é um *quantum* de conhecimento, a ser somado às contribuições de outras disciplinas, todas determinadas a revirar o mundo por informação e a transformá-la em produtos do conhecimento. O meu tipo de antropologia, na realidade, não se dedica absolutamente à "produção de conhecimento". Ela aspira a uma relação completamente diferente com o mundo. Para os antropólogos, assim como para os povos entre os quais eles trabalham, **o mundo não é o objeto de estudo, mas o seu meio.** Eles estão, desde o início, **imersos em seus processos e relações.** Os críticos podem considerar isso uma fraqueza ou uma vulnerabilidade. Para eles, isso revela uma falta de objetividade. Mas, para nós, essa **é a própria fonte da qual a antropologia retira sua força.** (...)

Entre as diferentes classes de pesquisadores, os **antropólogos são conhecidos por sua disposição em aprender com aqueles que, em um mundo obcecado pelo avanço do conhecimento, poderiam ser rejeitados como incultos, analfabetos ou mesmo ignorantes.** Trata-se de povos cujas vozes, **alheias aos meios de comunicação dominantes,** permaneceriam, de outro modo, **silenciadas.** Como os antropólogos demonstraram repetidas vezes, esses povos são **mais sábios** que os seus superiores supostamente mais instruídos. E, com o **mundo chegando ao limite,** não podemos nos dar ao luxo de ignorar sua sabedoria. Tem muito que aprender, se nos permitirmos ser ensinados por outros com experiências a partilhar. No entanto, esses outros foram eludidos por estudiosos que, em sua maioria, **se contentaram em relacioná-los em suas pesquisas mais como informantes do que como professores,** interrogados pelo que pode ser extraído de suas mentes ao invés de procurados pelo que podem nos ensinar sobre o mundo. Métodos elaborados foram desenvolvidos

para mantê-los à distância. Os métodos são os guardiões da objetividade, acionados para garantir que os resultados da pesquisa não sejam contaminados por um envolvimento muito íntimo ou afetivo dos pesquisadores com os povos que eles estudam. **Para a antropologia, contudo esse envolvimento é crucial. Todo estudo demanda observação, mas, na antropologia, a observação se dá não pela objetificação dos outros, mas prestando atenção a eles, vendo o que fazem e escutando o que dizem. Estudamos com as pessoas, ao invés de fazer estudos sobre elas. Chamamos esse modo de trabalho de "observação participante". Ele é um dos fundamentos da disciplina. (...)**

[pode uma pedra pode estar viva?]

Como alguém pode sugerir seriamente que algo tão inerte como uma pedra possa estar vivo? E, se algumas podem estar vivas, por que não todas? Uma forma de abordar essas questões seria pressupor que as atitudes que as pessoas assumem em relação às coisas podem ser de dois tipos. Há uma atitude prática do senso comum, típica da vida cotidiana, e uma atitude carregada de fé e ideologia, reservada para ocasiões de natureza ritual ou cerimonial imbuídas de associações simbólicas. Em um tratado sobre as formas elementares da religião, publicado pela primeira vez em 1912, Émile Durkheim - fundador, na França, da disciplina da sociologia - denominou essas atitudes, respectivamente, de profanas e sagradas. Consideremos as mesas, por exemplo. Geralmente, pensamos em **mesas como objetos inanimados**, mas, se a mesa for um altar, no contexto de uma cerimônia religiosa, podemos muito bem atribuir a ela poderes extraordinários, como se ela irradiasse força espiritual. Poderia ser esse o caso entre os Ojibwa e suas pedras? Deve ser óbvio para os Ojibwa, assim como para os povos de todo o mundo, que as pedras, tal como ordinariamente encontradas no ambiente natural, são inanimadas. No entanto, algumas pedras, em algumas ocasiões, podem ser consagradas e parecerem, para aqueles que as veem dessa maneira, ser dotadas de uma espécie de aura ou força vital. (...)

Em nossa era secular é muito fácil desconsiderar o que os outros dizem e fazem, quando contradizem nossa sensibilidade, como mero ritual. Nossos retratos de culturas exóticas tendem a ser pintados em cores rituais. (...)

Prestar atenção às coisas - observar os seus movimentos e escutar os seus sons - é flagrar o mundo em ação, como surfar a crista de uma onda sempre a ponto de quebrar. Longe de chegar atrasado a um mundo onde os dados já foram lançados é estar lá, presente e alerta, no momento mesmo em que ele toma forma. Nesse momento, a experiência e a imaginação se fundem e o mundo ganha vida.

Excertos retirados do capítulo das páginas 10 à 17 da obra INGOLD. T. ([2018] 2019). "Sobre levar os outros a sério", *Antropologia: Para que serve?*. Rio de Janeiro: Vozes Editora, pp.7-19.

Em aula:

Prestar atenção às coisas: 15 minutos de percurso individual. Recolha de materiais.

A humanidade que pensamos ser: discussão em fórum dos textos de Ailton Krenak e de Tim Ingold

Engajamento, experiência e imaginação: divisão por grupos para realização de "objecto" resultado da reflexão e a ser apresentado e discutido em aula. (ver excertos texto Ingold neste dossier).

Bibliografia recomendada:

INGOLD. T. ([2018] 2019). "Sobre levar os outros a sério", *Antropologia: Para que serve?*. Rio de Janeiro: Vozes Editora, pp.17-19. [moodle]

KRENAK, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras. [moodle]

Bibliografia complementar:

KOPENAWA, D., 2022, "Urihi a", Bruce Albert e David Kopenawa, *O Espírito da Floresta*. São Paulo, Fondation Cartier pour l'art contemporain/Companhia das Letras, pp. 29-32.

KRENAK, Ailton, 2020, *A vida não é útil*. São Paulo, Companhia das Letras.

Imagens: *uma pedra*, Sintra | *Escola na Floresta*, Caldas da Rainha | ©arquivo pessoal Fradique.

Este dossier não dispensa a leitura completa dos capítulos referidos.